

## Uma infância... um olhar possível...

**Texto final produzido pelas acadêmicas :**

**Dinazaide Mileide Ferreira e Nádia Goulart Mendes**

**(7ª fase - Curso de Pedagogia - Educação Infantil - 1º semestre de 2001)**

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma observação realizada num assentamento localizado no interior do meio-oeste do estado de Santa Catarina. Pretendemos problematizar alguns aspectos da infância nesse contexto vinculado a um movimento social – MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Em virtude de as crianças fazerem parte de um movimento social, movimento este que interfere diretamente na formação daqueles sujeitos, consideramos necessário situá-lo brevemente. Ao longo de sua existência, o MST foi desenvolvendo formas de luta como a ocupação de latifúndios improdutivos através dos acampamentos. Depois da conquista da terra, para a



permanência na mesma, o assentamento constitui-se como umas das formas de organização do movimento. Os assentamentos podem ser individuais ou coletivos. As formas de luta e organização do movimento vão desde os acampamentos e assentamentos até estratégias de sobrevivência tanto econômicas como ideológicas, tais como: as cooperativas, a proposta pedagógica das escolas do MST e a formação de base política e técnica dos seus militantes.

### AS DIFERENTES FACES DA QUESTÃO

#### A Relação Pedagógica entre Adultos e Crianças no Assentamento Observado



A relação pedagógica estabelecida entre as crianças e os adultos por elas responsáveis evidenciou respeito mútuo entre eles. Há de se ressaltar que presenciamos situações de conflitos sim, mas, nada que não tivesse sido contornado e mediado com facilidade.

Nos pareceu que aqueles adultos sabem das especificidades que têm as crianças, na medida em que as falas de alguns deles afirmam que os seus filhos(as) – crianças não vão para o trabalho antes dos 14 anos de idade. Claro que as crianças não estão alheias àquele contexto. Elas freqüentemente visitam o ambiente de trabalho – a roça – comum ‘a maioria dos pais/adultos que é organizado em forma de Cooperativa, mas as crianças o fazem como curiosidade, brincadeira e lazer.

### **As Crianças no Contexto do Assentamento**

Em muito chamou a nossa atenção a propriedade com que as crianças lidavam com o espaço e os “arranjos naturais” que, apesar de a comunidade não ter muitos locais pensados para o lazer e diversão específica, dada à história de luta e reivindicações para a conquista de terras e a valorização e reconhecimento por parte da sociedade e da esfera governamental no que tange ao trabalho agrícola e a legitimidade da luta do MST por reforma agrária, o assentamento paulatinamente vêm conseguindo melhorias para garantir a qualidade de vida das pessoas que lá residem. Os espaços pensados propositalmente para o lazer daqueles sujeitos são: um campo de futebol, um centro comunitário destinado à realização de festas, reuniões, e um parque infantil acoplado às dependências da Escola Isolada Municipal Pedreira. O parque é uma iniciativa da comunidade cujos brinquedos são confeccionados com pneus e madeiras. Apesar de acharmos uma iniciativa plausível e

digna de menção, sabemos que ainda teríamos muito por fazer se tomássemos como pressuposto todas as dimensões que alçamos contemplar em espaços que devem ser lúdicos como sugerem ser os parques.

## **Os Brinquedos e as Brincadeiras das Crianças no Assentamento**

No intuito de ilustrar como aquelas crianças brincam e resignificam os objetos que elas tem acesso, relataremos algumas situações de brincadeiras que presenciamos.

Uma das crianças "metamorfoseou" criativamente um fio de eletricidade pendurado numa barraca – pequena casa construída de madeira com a aparente finalidade de vender alguma coisa ou de abrigar da chuva ou do excesso de sol, talvez: um balcão de madeira serviu como um trampolim para o pequeno menino se pendurar e se balançar como se estivesse imitando um ‘Tarzan na floresta’.

Muito satisfeito parecia um menino que brincava numa dessas bicicletas de adultos, o que acabamos por constatar que este brinquedo, muito comum no meio rural como transporte, também o é no assentamento. A topografia do lugar convida para descidas emocionantes numa daquelas ruas próxima ao campo de futebol, espaço privilegiado para encontros e brincadeiras de boa parte daqueles Sem Terrinha.

Aliás, a bola e a bicicleta são os brinquedos de tipo mais industrializado que pudemos constatar. Visitamos todas as casas e, na maioria constatamos pouco ou quase nada de brinquedos industrializados. Algumas delas não tinham nem mesmo os móveis e utensílios considerados básicos em uma casa, ficando as crianças muito desprovidas no que diz respeito às necessidades infantis que pedem a brincadeira e a disposição de brinquedos.

Um brinquedo muito interessante construído por crianças, no qual brincavam com muita intimidade dois meninos, era um carrinho de madeira, amparado por três rodas no formato triangular, cuja direção era possível num guidão feito para dar suporte aos pés.

A performance como os dois meninos brincavam com o carrinho estilo rolimã era fantástica: um sentado e outro empurrava pelas costas segurando-se após o brinquedo pegar embalo. O empurrador ficava em pé numa espécie de carona que o carrinho possuía e

segurava nas costas da criança que ficava sentada. Um desses, mais atrevido, se aventurou descer a rua em declive de costas, e se, não fosse a habilidade de bem manipular os pés, um acidente seria bem provável. Um fato bastante curioso que nos foi contado por algumas crianças é que tal brinquedo é da comunidade, onde qualquer um pode brincar. Nessa mesma tarde dois meninos re-significam uma garrafa de refrigerante, de plástico, para a qual definem as vezes de uma bola. Na ausência de carrinho industrializado, o que para nós adultos poderia não passar de um insignificante pedaço de madeira se transforma neste brinquedo muito conhecido e desejado pelos meninos, principalmente.

É muito comum as crianças subirem em árvores: elas têm muita agilidade e parecem ter intimidade com elementos como ninhos de passarinhos. Algumas delas olham para a árvore e identificam com facilidade os ninhos de passarinhos, atrativos para elas.

Constatamos ainda que além de crianças maiores brincarem com crianças menores, meninos e meninas brincam juntos sem constrangimentos. Bem verdade, que a professora da escola nos informou que situações de conflitos nas aulas de educação física pediram mediação para pôr fim às intrigas dos maiores com os menores. Levantamos a hipótese de que o jogo sugere competição e crianças pequenas ou que têm pouca habilidade não são interessantes para compor o time. No entanto, elas brincam juntas quando o clima é de descontração, como se pôde perceber naquele final de semana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **As Condições de Vida das Crianças no Assentamento**

O chão, como já mencionado, é de chão batido e, em alguns pontos a lama está presente e há formação de poças d'água quando chove. Talvez, para os adultos extremamente preocupados em conforto e higiene, identificariam nisto um problema e um desconforto, mas não o é para as crianças daquela comunidade. As poças são, não raro, atrativos para driblar um passo acrobático ou para pular n'água e provar a resistência da

bota-tipo sete léguas, sendo acessível a poucas crianças, e algumas a possuem já com algum dano.

Convidamos o leitor para questionar até que ponto não devemos nos espantar com a situação daquelas crianças em tão boa afinidade e comunhão com o espaço que têm para a brincadeira... Faz parte do contexto rural, brincar no chão e se apropriar dos recursos naturais dada à própria identificação com a terra, explorada pelo trabalho no campo. No entanto, isso não justifica que as crianças precisem se submeter a jogar futebol num chão empoçado, calçado já ensopado e embarrado, porque quando a chuva é consecutiva, não há sapato que dê conta, porque também já não se têm mesmo muitos deles.

Afinal: temos que nos maravilhar que crianças brinquem bem dispostas, muitas vezes sem sapatos, porque os que possuem já foram impregnados de barro, ou temos que nos escandalizar e denunciar não seus pais ou quem permitiu que saíssem para brincar, mas, tripudiar e negar as políticas que aviltam a condição humana, marginalizando-a, naturalizando e pauperizando vidas e secundarizando a infância no meio rural?

Apesar de algumas famílias terem aparelho de TV, constatamos que a televisão não toma muito tempo das pessoas. Elas se familiarizam mais com programas de rádio, ou com roda para bate papo e tomar chimarrão, onde possivelmente as crianças estão presentes, como vivenciamos em nossa passagem no assentamento “30 de Outubro”. Bem por isso não tivemos a impressão de haver uma forte influência da cultura televisiva na cultura daquelas crianças, embora, tenhamos ouvido uma delas cantarolando uma música típica dos grupos de funk, emergentes da cultura musical neste momento histórico brasileiro.

As crianças não apresentam um comportamento agressivo como se pode constatar facilmente em alguns espaços do meio urbano. Elas se desentendem, sim, na medida que vão brincando, mas, conseguem resolver suas diferenças de acordo com os padrões de comportamento que já internalizaram na construção das práticas sociais de valores mais solidários e baseados na cooperação, os quais são gestados no interior do movimento social do qual as crianças fazem parte – o MST.